

A economia europeia entra em recessão

por Mário Soares

1. Em meados de Agosto, é oficial: a economia da União Europeia entra em recessão. Há alguns meses que se sabia – para quem acompanha com atenção estes fenómenos – que a recessão, iniciada nos Estados Unidos ia, inevitavelmente, chegar à Europa. Mas os governantes europeus não queriam ou tardaram em reconhecer a má notícia. Falavam em arrefecimento ou abrandamento ou noutros eufemismos em que os economistas são peritos. Contudo, factos são factos. “O produto bruto da zona euro caiu, no segundo trimestre do ano em curso, - 0,2% pela primeira vez na sua história.” E os grandes países europeus são os mais atingidos: a Alemanha, desde - 0,5%; a França e a Itália - 0,3%, enquanto o Reino Unido sobe + 0,2%, a Espanha + 0,1%, a Holanda, 0,0%, a Bélgica + 0,3%. Portugal + 0,4%, o que não deixa de ser inesperado e significativo.

É também curioso que enquanto a União Europeia está preocupada com a subida da inflação e com o aumento do desemprego, o Instituto Nacional de Estatística anunciou, em Portugal, no final da última semana, que a inflação abrandou um pouco e que o desemprego também desceu, aliás pelo segundo trimestre consecutivo, embora pouco. Note-se que o número de trabalhadores com segundo emprego, também aumentou, sobretudo os que têm mais qualificação. No segundo trimestre contaram-se 343 mil portugueses com segundo emprego. O que não é pouca coisa.

Querem estes elementos dizer que Portugal vai escapar à recessão que já atinge poderosos países da União? Não, seguramente. Como explicou, com a sua habitual clareza e bom senso, o Senhor Ministro de Estado e das Finanças, Prof. Teixeira dos Santos. Não é caso para deitar foguetes. Por duas razões: porque, em termos gerais, o pior está ainda para vir, em matéria de crise económica global. E também porque a confiança nos mercados e nas bolsas, está longe de se ter restabelecido, apesar das últimas oscilações (favoráveis) dos preços do petróleo, do gás e de certos produtos agrícolas. O valor do dólar, em relação ao euro, também subiu ligeiramente. Porém, enquanto o resultado das próximas eleições presidenciais americanas não for conhecido, a desconfiança vai ser a regra. É preciso que mude o paradigma para que o sistema neo-liberal, por ele criado, possa mudar.

As estimações divulgadas em 14 de Agosto último pelo Eurostat constituíram um alerta. A própria conjuntura económica britânica se afigura bastante preocupante. Daí que François Fillon, primeiro ministro francês, e Jean-Claude Juncker, o prestigiado primeiro ministro do Luxemburgo e presidente do Eurogrupo, se terem posto de acordo para promover, para a próxima quinta-feira, um debate aprofundado sobre a situação económica de modo a preparar a reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros europeus, marcada para 12 e 13 de Setembro, em Nice.

Veremos como até lá evoluirá o Mundo Ocidental, com a grave crise política (que se junta à económica) que está a desenhar-se no Cáucaso – com os oleodutos do petróleo e do gás, em fundo

– e que põe frente a frente a Rússia e os Estados Unidos, talvez a confrontação mais grave e sofisticada desde os tempos da guerra-fria...

2. O bispo Presidente. Fernando Lugo, bispo dos pobres, assim chamado no Paraguai, foi eleito, triunfalmente, pela Aliança Patriótica para a Mudança, por cinco anos, como Presidente do Paraguai. A esquerda latino-americana, independentista relativamente ao governo dos Estados Unidos, reuniu-se, há dias em Assunção, para festejar a vitória sobre o Partido Colorado, que há 61 anos dominava um dos países mais pobres e atrasados do sub-continente.

Lugo é um personagem muito curioso, cristão, ligado à chamada Igreja da Libertação, razão pela qual resignou à sua condição de bispo não obstante não ter rompido os laços com a Igreja ou, menos ainda, abjurado das suas crenças cristãs.

Na sua posse, além do Príncipe das Astúrias, de Espanha, teve como convidados de honra, os Presidentes Lula da Silva, Michelle Bachelet (Chile), Rafael Correa (Equador), Hugo Chávez (Venezuela), Daniel Ortega (Nicarágua), Evo Morales (Bolívia) e Tabaré Vasquez (Uruguai). Os presidentes mais conservadores Álvaro Uribe (Colômbia) e Alan García (Peru) destacaram-se pela sua ausência. A cerimónia, marcada pelo discurso do Presidente eleito, que teve como tema a luta contra as desigualdades sociais e a corrupção (a grande chaga do País) e um elemento novo, indígena, visto a cerimónia ter sido falada em guarani e espanhol.

Como tenho vindo a notar nestes meus modestos artigos, está a produzir-se em toda a Ibero América uma revolução democrática e pacífica, de sentido anti-imperialista, que vai seguramente modificar aquela região tão importante do Mundo e onde, portugueses e espanhóis, temos tão fundos interesses históricos e culturais. Estejamos atentos, pois...

Vau, 19 de Agosto de 2008